

A tradução no meio do caminho

André Carone

Resenha de Janine Altounian, *A escrita de Freud: travessia traumática e tradução*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo, Blucher, 2025, 315 p.

Sonho com um homem que desaprende as línguas da terra até não compreender mais nada em lugar nenhum.

[Elias Canetti]¹

Por muito tempo pensei que minha dificuldade como escritora se devia ao fato de que eu escrevia em alemão, pois minha relação com a Alemanha é linguística, formada, como fui, por uma variedade de experiências e sentimentos de um lugar diferente. Eu venho da Áustria, um país pequeno que, para usar um eufemismo, vem tentando dar um passo para fora da história, mas que tem um passado avassalador e monstruoso.

[Ingeborg Bachmann]²

Nem sempre a linguagem e o trabalho de tradução estiveram em primeiro plano na longa história dos debates internacionais a respeito das traduções da obra de Sigmund Freud. A tradução era o elemento que barrava a vista, desencaminhava os leitores e por vezes colocava em risco uma certa perspectiva ou um certo vocabulário que corresponderia à própria essência da psicanálise. Para lembrar dois exemplos já afastados no tempo, recuperemos aqui

a posição adotada por Bruno Bettelheim em relação à *Standard Edition* inglesa, editada e traduzida por James Strachey: o elemento central da crítica de Bettelheim é justamente o suposto destaque concedido pelo tradutor “à ciência e à medicina” em prejuízo a uma “preocupação primordial com os problemas culturais e humanos, vistos como um todo, e com as questões da alma”³. Em outros termos: de acordo com essa leitura crítica, a tradução de Strachey nos impedia de enxergar aquilo que o texto de Freud realmente seria. Na verdade, para Bettelheim o trabalho de tradução só possui importância na medida em que representa um obstáculo para alguma *outra questão*, mas não possui um valor intrínseco. Essa perspectiva abre caminho para a solução mais frequente, que consiste na re-criação individual do tradutor ou da tradutora que assina um trabalho.

Um segundo exemplo: podemos afirmar que a crítica que Jacques Lacan dirige às traduções francesas publicadas até 1950 caminha em uma direção parecida, muito embora a sua orientação seja diferente. Numa passagem do célebre “Discurso de Roma”, Lacan faz menção a um leitor equivocado que acompanha uma tradução de Freud assinada por Marie Bonaparte, “a qual [ele] cita como um equivalente do texto freudiano”⁴. Este leitor teria sido desviado da correta compreensão de conceitos fundamentais para a psicanálise. Numa outra passagem desse mesmo texto, Lacan assinala como um dos problemas da conceituação em psicanálise o fato de que seus termos ainda conservavam “a ambiguidade da língua vulgar”⁵. Caberia, portanto, aos tradutores a tarefa de eliminar essas contaminações de significados para oferecer aos leitores uma articulação essencial dos significados no texto freudiano. Em resumo, no segundo exemplo o tema da tradução novamente adquire interesse apenas na medida em que sustenta uma certa concepção acerca da linguagem, mas não representa em si mesmo uma questão dotada de autonomia, que deva ser examinada a partir do seu próprio terreno e das suas próprias articulações. A crítica à tradução parece emanar de um outro território, no qual

1 E. Canetti, *Vozes de Marrakech*, p. 25.

2 I. Bachmann. *Wir müssen wahre Sätze finden: Gespräche und Interviews*, p. 63-64.

3 B. Bettelheim, *Freud e a alma humana*, p. 46.

4 J. Lacan, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, in *Escritos*, p. 248.

5 J. Lacan, *op. cit.*, p. 241.

André Carone é professor do Departamento de Filosofia da EFLCH/UNIFESP.

DOI: 10.70048/percurso.76.145-148

os equívocos e as indeterminações da linguagem teriam sido depurados – como se o trabalho de tradução oferecesse apenas o erro e o desvio, e a crítica à tradução fosse anunciada em termos estritamente objetivos, como se ela própria jamais fosse norteadada por pressuposto algum.

A contribuição original de Janine Altounian não aborda a atividade do tradutor ou tradutora como um elemento secundário, que possuiria apenas um valor instrumental para a demonstração de teses ou princípios acerca da natureza da psicanálise, do seu humanismo ou do seu caráter científico, e em vez disso adota o trabalho com a linguagem como ponto de partida para a compreensão dos objetos da própria psicanálise.

O livro *A escrita de Freud – travessia traumática e tradução*, traduzido para o português por Claudia Berliner, é o resultado de diversos percursos que se entrelaçam. Em um plano mais imediato aparece o seu engajamento em um grandioso projeto de tradução e edição, as *Obras Completas* (*Oeuvres Complètes*) de Freud, publicadas em francês pela editora PUF sob a coordenação de Pierre Cotet e a direção geral de Jean Laplanche, no qual ela atuou como tradutora, revisora e responsável pelo trabalho de sistematização de toda a coleção. A preparação, a discussão, a tradução e a edição desse gigantesco trabalho compõem o cerne de todo o material exposto neste livro, mas nem por isso esgotam-no por completo: mais do que apresentar uma “defesa e ilustração”⁶ do projeto do qual participou, seu propósito consiste em “colocar à disposição do leitor francófono um corpus linguístico propício a formar uma opinião, até mesmo nas antípodas daquela aqui sustentada”⁷. Em outras palavras, este trabalho tem um compromisso fundamental com o material a ser traduzido e a língua alemã na qual “a psicanálise foi pensada e escrita”⁸ por Freud. Com esse propósito, o livro percorre uma série de exemplos de ordem semântica, sintática e estilística, ao mesmo tempo que expõe as traduções para o francês, mas sem desconsiderar os elementos presentes na paisagem mais ampla do texto original, e que nem sempre encontram o seu lugar

em uma tradução. A edição brasileira reproduz a íntegra das diferentes traduções francesas de cada citação, e também as traduz para o português, oferecendo assim um mosaico de citações que enriquece ainda mais o debate proposto por Altounian em sua edição original.

Este primeiro percurso, vinculado às atividades da psicanálise e da tradução, possui conexão com um outro percurso, de caráter duplamente biográfico: filha de sobreviventes do genocídio armênio, para quem o francês não representava propriamente uma língua materna, a autora parece inverter o percurso habitual nos debates sobre traduções ao enfatizar os desafios presentes no texto original, em vez de simplesmente comentar ou lamentar os famosos “problemas de tradução”: a queixa comum pela insuficiência ou estranheza das traduções é substituída por uma advertência que quer nos mostrar como deixamos de perceber aquilo que é escarpado ou deliberadamente estranho nas composições de um judeu herdeiro da diáspora, filho de um migrante que chega em meados do século XIX ao Império Austríaco, uma terra onde a família não possuía raízes, e que conviveu na infância com o tcheco e o iídiche e encontrou na língua alemã uma representação do poder e da cultura que não acolhia a sua origem. “Na verdade”, escreve a autora, “Freud trabalha a sua língua aproximando campos semânticos heterogêneos, como só consegue fazer quem integra em si horizontes estrangeiros uns aos outros”⁹. As referências constantes à tradução nas construções teóricas de Freud são bastante conhecidas: elas aparecem nas exposições a respeito da transferência analítica, nas correspondências entre imagem e palavra no sonho, na transposição de conteúdos inconscientes para o pré-consciente, nas correspondências entre o conteúdo manifesto e os conteúdos latentes que são revelados pelo trabalho de interpretação. Porém essas teses, antes de ganharem corpo como noções gerais, estão presentes no próprio texto de Freud: a transformação de significados, os deslocamentos, encobrimentos e correspondências dos quais a teoria *fala* são, antes de tudo, resultado de uma prática de escrita e configuração da palavra. Na perspectiva

de Janine Altounian, a imagem apaziguadora do escritor talentoso, vencedor do Prêmio Goethe e autor admirável que emprega um vocabulário simples e acessível, esconde a dimensão disruptiva e violenta a partir da qual Freud construiu a própria psicanálise: este talvez seja um resumo impreciso do propósito deste livro que pode, mesmo assim, servir como guia para um primeiro contato com as teses e com os exemplos que ele apresenta.

Um terceiro percurso se sobrepõe aos dois primeiros e nos apresenta a matéria essencial que é explorada: trata-se da passagem de uma língua para outra, uma transição que envolve o ato de traduzir e parece nos aproximar da natureza da própria psicanálise. A autora se serve do descentramento do exílio – a perda de uma primeira língua, de um ambiente e de um espaço comum – como um modelo para o descentramento da língua que está presente na escrita de Freud: contrariando essa leitura frequente que atribui ao criador da linguagem psicanalítica uma escrita fluente e acessível, ancorada no uso comum das palavras, ela se empenha em mostrar o quanto essa caracterização pode ser enganosa, mesmo ali onde ela parece ser manifesta e evidente. A maneira como este vocabulário se inscreve sucessivamente em diferentes registros, e as sucessivas conexões estabelecidas entre os radicais semânticos, os sufixos, os prefixos, as preposições, revelam uma prática de escrita que vira de ponta-cabeça a linguagem e transformam o seu significado tal como se passa em um tratamento, a exemplo da “subversão que o analisante efetua sobre a sua própria língua quando, mediante as palavras que ritmam a narração da sua própria vida, ele se reapropria dela”¹⁰.

Tais argumentos sempre estiveram presentes de alguma maneira em diversas leituras a respeito do vocabulário da psicanálise. Caberia lembrar ao menos o nome de Walter Muschg, crítico literário suíço de língua alemã que publicou um ensaio chamado “Freud como escritor” no ano de 1929 – antes, portanto, que Freud recebesse o tão citado Prêmio Goethe: o crítico chama a atenção para a forte presença das “inconstâncias da sonoridade presentes nos lapsos, nos sonhos, nos chistes” e para a maneira como este “irmão de Morgenstern e dos surrealistas executa o piano de quartos de tons da linguagem”; reconhece ainda que a escrita de Freud sabe acompanhar a “tessitura dos deslizamentos internos de consonâncias, ressonâncias e associações” e “a mais desvairada brincadeira com as palavras. Somente alguém que habitasse profundamente a linguagem seria capaz de escrever isso tudo”¹¹.

Mesmo assim, o reconhecimento da tradução e da linguagem de Freud como elementos que estão entranhados na construção do seu pensamento – e também da própria psicanálise, por consequência – vêm de longe e comparecem em outros trabalhos. Como assinalamos anteriormente, o elemento novo nas investigações de Janine Altounian é a inversão de perspectiva: a linguagem ocupa invariavelmente o primeiro plano e não é a ferramenta que oferece acesso a algum conteúdo, pois ela própria é o conteúdo: “em Freud, a semântica do discurso se exprime na matéria-prima, na morfologia e na sintaxe do enunciado. Este é afetado em seus elementos constitutivos por um funcionamento interno que o marca com uma determinação analítica”¹². Noutras palavras, aqui o texto não serve como ilustração de uma concepção teórica: tudo se passa como se o texto entranhasse a própria concepção teórica e não estivesse separado dela.

Talvez seja mais simples ilustrar este argumento a partir de um exemplo concreto, retirado deste trabalho que lida do começo ao fim com amostras da atividade de leitura e tradução a partir do texto original. O artigo “Sobre lembranças encobridoras” investiga a formação de falsas

6 J. Altounian, *A escrita de Freud: travessia traumática e tradução*, p. 19.

7 J. Altounian, *op. cit.*, p. 17. Devo reconhecer que este é precisamente o meu caso. Como leitor interessado pela questão, sempre acompanhei com reservas e muito distanciamento as posições do grupo de editores liderado por Jean Laplanche, o que não me impede de apreciar a abordagem rica e por vezes perturbadora oferecida por Altounian.

8 J. Altounian, *op. cit.*, p. 25.

9 J. Altounian, *op. cit.*, p. 34.

10 J. Altounian, *op. cit.*, p. 123.

11 W. Muschg, “Freud als Schriftsteller”, in *Die Zerstörung der deutschen Literatur und andere Essays*, p. 559.

12 J. Altounian, *op. cit.*, p. 107.

lembranças infantis, que possuem uma nitidez enganosa e escondem a lembrança verdadeira sob a fachada de uma suposta lembrança, muitas vezes bastante convincente, que engana justamente por sua nitidez aparente. O termo *Deckerinnerung* (lembrança-cobertura, ao pé da letra) coloca em movimento este contraste entre algo que encobre (o recalçamento) e algo que fica encoberto (o conteúdo infantil por trás da falsa lembrança), sem contar o próprio trabalho de *des-coberta* que a análise dos exemplos leva a cabo. Pois o mesmo jogo entre descobrir e encobrir reaparece em *A interpretação dos sonhos* com outros trajes: na referência à historinha da “nova veste do Imperador”¹³ que antecede o comentário do Édipo Rei de Sófocles, a criança que veste a sua hostilidade com relação a uma pessoa ao sonhar com a sua morte, a definição do sonho como uma realização *travestida* (*verkleidete*) de desejo, um conteúdo do sonho que foi deformado por algum *revestimento* (*Kleidung*); temos ainda construções adjacentes que percorrem o texto de *A interpretação dos sonhos* e reforçam esta mesma noção (concreta e abstrata) da roupagem: velar/desvelar, embaralhar/desenvolver, tecer/entretecer, o tecido do sonho/o tecido de nossas teorias.

Não são poucas e nem secundárias as ramificações de significados abertas por estes poucos radicais semânticos: *Kleid* (vestimenta), *Deck* (cobertura), *Spinne* (tecido), *Webe* (trama). Além dos laços e conexões que estabelecem entre si na composição do vocabulário e do texto de Freud, elas formam um claro contraponto com a *Deutung*, isto é, com a atividade da interpretação, pois *deuten* está vinculado à nitidez (*Deutlichkeit*), à luz, ao esclarecimento e ao significado (*Bedeutung*) – ou, nos termos da teoria freudiana do inconsciente, ao elo estabelecido entre uma representação de coisa (inconsciente) e uma representação de palavra (pré-consciente). A aparição deslocada e deformada desses conteúdos na superfície do texto revela a que ponto a construção do texto de Freud está implicada na matéria abordada por ele: as alusões e os vestígios daqueles conteúdos inconscientes que o sonho e o sintoma levam até

a superfície da consciência estão figurados por palavras e conexões que aparecem de modo incompleto ou deformado na própria superfície do texto: a dinâmica do texto revela e encobre significados, não menos do que o trabalho de interpretação ou decifração que o texto de Freud apresenta a partir de exemplos sucessivos e caracteriza nos termos de uma linguagem teórica.

O projeto francês das *Obras Completas*, que está na raiz da escrita deste livro, adota como princípio o apegue “ao texto, nada além do texto, nada senão o texto”¹⁴ e faz uma defesa muito consistente de escolhas e estratégias que buscam preservar o caráter estrangeiro e anguloso da língua original, transportando para a língua de chegada (o francês, neste caso) a estranheza que as formulações sintáticas e as conexões semânticas da língua alemã provocam nos ouvidos de um falante que não conheça o idioma. O livro de Janine Altounian oferece para essa tese um complemento que pode ser apreciado mesmo por aqueles leitores que questionam os resultados objetivos do projeto da tradução francesa: para a autora e tradutora, uma tradução que não acompanha em alguma medida os aspectos materiais da língua de partida na verdade renuncia a falar sobre a experiência que estava em jogo para aquele que escreveu o texto original, e corre o risco de substituir este original por uma concepção puramente abstrata dos seus significados, como se ali a linguagem fosse mero acidente, um veículo entre muitos outros para uma certa mensagem. Essa opção abstrata, que geralmente acomoda o texto original dentro dos limites já conhecidos da língua de chegada, corre o risco de apagar a violência produzida pelo próprio ato da escrita e, no caso particular de Freud, a experiência de descentramento e descoberta de significados possíveis que são o resultado de um afastamento com relação ao seu próprio idioma, sem o qual a descoberta da psicanálise talvez não tivesse sido possível.

13 S. Freud, *A interpretação dos sonhos*, p. 282-284.

14 A. Bourguignon; P. Cotet; J. Laplanche; F. Robert, (1989). *Traduire Freud*, p. 14.